

# Folha d'Ovar

## SEMANARIO REGENERADOR

### ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha ..... 600  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DE S. MIGUEL

### DIRECTOR E EDITOR

M. GOMES DIAS

### PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.—Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos ars. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 10 de outubro

## As Colonias Africanas

Pretendiam os inglezes absorver quasi todo o continente negro.

Como o Egypto já dominava uma grande parte do Sudão, pareceu-lhes facil substituir o seu dominio ao do Khediva, e á sombra d'este ir invadindo os vastos paizes visinhos da região dos Lagos.

A Stanley deram a missão d'estudar o caminho da marcha para o interior, depois de creado o reino do Congo celebraram convenções com o Lobengula e já antes haviam combatido os Boërs e os Zulus com as vistas de se estenderem desde o Cabo da Boa-Esperança até á alta Zambezia da qual pretendiam e em parte conseguiram expoliar-nos.

Mas o Sudão revolta-se, a Allemanha interpõe-se no Zanzibar, em seguida na região dos Lagos.

Nós ainda acordamos promovendo e accitando vassalagens e protectorados, todos de summa importancia, de que o sr. Barros Gomes se não aproveitou. Um grande erro.

Receosa e ferida a ambição ingleza no que mais a

interessa, julgou que devia desforrar-se á nossa custa. D'ahi a questão do Chire.

A politica externa na Inglaterra subordina-se á necessidade de conservar, animar, e augmentar os mercados fóra do paiz—é para isto que muito lhe servem as colonias com quem commercia a metropole, principalmente hoje, que lhe é difficil concorrer com algumas nações europeas.

E são as enormes contribuições da industria e do commercio que sustentam o Estado inglez.

N'este jogo tem sido habil a aristocracia, por isso o povo e as outras classes não lhe questionam o predomínio, e d'elle até se louvam.

Assim nota-se lá o apoio geral a todas as combinações do poder, quando se coordenam as tentativas de invasão para engrandecimento das colonias.

Se quizermos resistir-lhe, precisamos de ser muito activos e previdentes.

Precisamos de tratar da colonisação em grande escala, e com muito tino e seriedade. As colonias africanas são as esperanças de Portugal.

Em 1874 eu e o sr. D. Philippe de Sousa Holstein pedimos uma concessão na

Zambezia, com as minas de Tete, e de Manica, nas quaes ninguem então fallava.

Passados quatro annos o sr. Paiva d'Andrade requereu toda a bacia do Zambeze, e o ministro concedeu-a sem saber que era conceder toda a Zambezia.

Eu havia fundado o pedido nas bases mais liberaes e generosas; a companhia não ficava absolutamente senhora do terreno—os colonos tinham direito á parte que cultivassem mediante a indemnisação das despezas, e um certo interesse para a empresa, só por 20 annos.

As bases eram ainda outras, mas essa era a principal, a qual deve ser estipulada nas grandes concessões.

O sr. Paiva d'Andrade nada prometeu, e o governo de 78 teve de soffrer a opposição mais violenta por ter concedido quasi uma provincia inteira.

Essa opposição era accintosa, mas se o partido progressista em alguma coisa podia ter razão, era em atacar o governo regenerador por esse acto, na verdade precipitado, no qual não sei como cahiu o sr. Fontes.

Nada importa a objecção de que o sr. Paiva d'Andrade de balde se empenhou em formar uma Companhia.

amigos, deante das pessoas com quem convives! Bem depressa te envergonharias de mim, da minha ignorancia, do meu mau gosto.

—Carlota, contigo não se pôde discutir. Já quero admitir que as nossas posições sejam diferentes. Teu pae é um modesto agricultor, ao passo que o meu é um pouco mais abastado e está em melhor posição. Mas isso que tem? Minha mãe não é irmã da tua? E meu pae hesitou em casar com ella? Queixa-se porventura da sua educação? Não a ama? e por que motivo hei-de hesitar eu, tratando de ti? Vales tanto como eu, amo-te e terei sempre orgulho em ter-te escolhido...

—Quem sabe?

Carlos enrugou a fronte e accrescentou:

—Não comecemos outra vez a discutir... Não queres perceber... —Não primo... tu é que não percebes.

—Acabemos com isto... Estás a torturar-me... Peço-te que me des uma resposta decisiva, porque...

—Porque?

—Supplico-te, sê franca. Quero saber o meu destino... Olha bem para mim. Queres-me para teu marido?

—Mas...

—Nada de mas... Simplesmente, sim ou não.

—Não.

—Prima!... Tu amas outro! Carlota fez-se muito pallida e não respondeu. Carlos conservou-se silencioso e durante alguns momentos não fez senão enxugar a fronte inundada de suor.

—Carlos, disse com voz tremula a priminha, ficas, agora, odiando-me?

—Odiar-te? Nunca, seja qual fór o teu procedimento para comigo. Agradeço-te a tua franqueza. Fizeste-me soffrer, mas... isto hade passar-me... Até agora tive a esperança de alcançar o teu amor. Amas outro, Paciencia. A culpa não é tua... nem minha.

—Ficamos então bons amigos? —Sempre, prima! Serás a minha melhor amiga, já que não podes ser

As concessões ainda agora se fazem sem condições relativas á propriedade e aos interesses dos colonos.

Mas o que está aconselhando o *Correio Nacional* sobre a exploração das colonias como processo seguido hoje com vantagem pelos governos estrangeiros, já cá estava proposto desde 1874, e muitas vezes lembrado na imprensa pelo signatario d'este artigo.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

### CONFRONTOS

XVII

#### Ao Carga d'Ossos

«Deixam-me, *Espectro*. Eu vou como a folha de rosa ao meu destino.»

Carga d'Ossos.

Deixar! deixar eu, que aou justiceiro, inflexivel, que me não vergo com o dinheiro, nem com o medo!

Nunca, nunca.

Quando o crepusculo tomba acordo do meu somno. A lousa n'um rangir secco, levanta-se mollemente e eu vejo a abobada celeste, fria, recamada d'estrellas brilhantes, seres que divagam e se namoram. Contemplo a vida celeste descuidada, sem sobresaltos, sem remorsos e quedo-me meditando a recordar as observações que faço nas almas dos mortaes.

E eu, assusto-me quando ficto

minha mulher. Serás o meu guia. Não tentarei cousa alguma sem a tua approvação. Provar-te-hei assim o meu amor... e tão respeitosa-mente que teu marido nem chegará a ter ciumes.

—Gosto mais de ti assim.

—Se podesses gostar de mim d'outra maneira...

—Outra vez!... Não, Carlos, sou humilde de mais comparada contigo. Tua mulher?... Havia de parecer antes a tua creada!... Não... o que te convem é uma bonita rapariga, de posição igual á tua...

—Ainda me fallas n'isso...

—A menina Rigaud que é tão...

—Se continúas com isso, sou capaz de casar com ella!...

—Devéras? E vaes pedil-a?

—Oral... Ella, ou outra qualquer...

—Antes ella do que outra qualquer, querido primo. Conheço-a e sei que sympathisa contigo Casando com ella, podes ter a certeza de que serás feliz.

—Isto é, melhorarei de posição. Pelo menos meu pae assim o pen-

os olhos na pagina do livro negro onde está estampada a tua alma pequena, vil, immunda, *Carga d'Ossos*. Olho-a alli, vejo-a em todas as suas manifestações, em todos os seus delirios, em todos os seus momentos de roubo, de crapula e de cynismo. O reptil nojento não é tão podre como tu, não é tão falso como tu quando procuras o desgraçado revendedor para o apertar nas malhas das enormes contas intrincadas com os *augmentos*; não é tão pequeno como tu quando temias que a justiça te viesse apprehender a sacca de libras falsas depositadas em casa de um desgraçado de Pardilhó; não é tão cobarde como tu quando de companhia com um assassino espera-

### GAZETILHA

#### OS MANOS

Nascidos para a pesca, viu-se o Fado Das mãos arrebatar a taes heroes, Caniços, redes, remos, mais anzoes, Que no berço a cada um lhes fora dado!

Do bando granjolaceo, mascavado, Inscriptos com prazer nos sujios roes, Não valendo nenhum dois caracoos, Teem publicos empregos abichado!

Por isso digo cá co'os meus botões, Que nascidos p'r'a pesca estes senhores, Não deixam de pescar como intrujõe!

Regeitam de Neptune os seus favores, Não pescam nem chicharros nem paxões, Mas vão sendo d'empregos pescadores!

(A «Tocha»).

Annibal Metralha.

sa. Elle, como toda a gente, deseja que este casamento se realice.

—Muitas vezes a felicidade depende da posição. Satisfarias assim a tua ambição... e que mal ha em possuir uma esposa perfeita?... Mas é melhor voltarmos para casa... Podem estar com cuidado, por não termos ainda voltado do nosso passeio, e quem sabe até se dizer alguma cousa desagradavel a nosso respeito...

—Tanto melhor!

—Vamos depressa, primo!

E Carlota fez com que Carlos a acompanhasse, continuando pelo caminho a exaltar-lhe as bellas qualidades da menina Rigaud.

O mancebo, meditando, estava todo entregue ao desgosto de ver repellido o seu amor.

Então a priminha não queria saber d'elle! E elle que lhe queria tanto! Apezar das suas recusas, achava-a tão formosa! Com o seu traje de camponesa do Berri, fresca, viva, tinha um certo quê de ingenua nobreza que fazia com que na aldeia lhe chamassem «a Fidal-

## FOLHETIM

### COMO SE AMA

I

Insto de novo contigo, priminha. Dize-me, finalmente, amas-me ou não?

—Finalmente, tambem, primo, para que me fazes sempre essa pergunta?... duvidas então muito da minha amizade?

—Como és esperta!... Bem sabes que não é de amizade que estou fallando, mas...

—Pois bem, Carlos... fallemos sério. Reflexionemos. E razoavel esse amor que tens por mim? Ora vejamos... Não sou bonita...

—h?

—E não sou mais do que uma pobre aldeã, sem instrução e sem educação. Se, deslumbrada, consentisse em ser tua mulher, imagina que figura faria deante dos teus

vas um negociante teu visinho para o apunhalar; não é tão interesseiro como tu quando querias roubar o que pertencia a todos nós; não é tão cynico como tu quando te vendias por palha e fava e esperavas destacamentos para roubar comprando os mandantes com pipos de vinho; não é tão vil como tu quando intrigavas os teus amigos para arranjar dinheiro.

Pobre e inoffensivo, *Carga d'Ossos*, perdes bem depressa a tramontana; as tuas chagas são purulentas, mas tão pouco sabidas que te arreceias da verdade nua e crúa.

E tu bem sabes que eu sou o *Espectro* justiceiro que, alta noute, quando tudo dorme, vou pé ante-pé pousar a minha mão diaphana, fria, sobre a tua consciencia e ausculto-a, vejo ali tão bem, como tu outr'ora vias, as libras falsas vindas d'Elvas.

E eu admirei como por muito tempo o povo, este bondoso povo, te não expulsou do seio, como a um animal damninho, repugnante; admirei e hoje conheço que não tive razão. Tu eras mais cynico do que pensava.

Por isso tu, *Carga d'Ossos*, quando vens de longe, a cavallo na tradicional burra, escondes-te com o manto das trevas para armar a cilada, chamar os pacatos habitantes para os insultar, mas logo que te vês descoberto, foges, foges miseravel, para que te não applicuem o castigo que já uma vez o teu visinho te applicou. Foges quando o manto das trevas ainda te pôde occultar, mas não sabes que eu, o *Espectro* justiceiro vello quando a justiça dorme. Eu sou a justiça e por isso fuge, *Carga d'Ossos*, fuge emquanto é tempo, fuge depressa porque depois, nem a tua burra te salvará.

E queres que eu te deixe?

Cumprê o teu destino, maldito e incerto. A folha da rosa vae guiada pelo vento bemfazejo, emquanto tu vae guiado pelo sopro da ambição desregada. A folha da rosa tem como fim o chão tapetado de erva verdejante; e tu tens como destino—a cadeia.

Treme, desgraçado, e fuge, porque eu vello, e eu sou o

(Povo de Ovar n.º 35)

### TRAÇOS RAPIDOS

Um homem formoso, pelo lado moral, physico e intellectual,

guinha». Por que motivo, pois, ao cabo de doze annos de infancia em que ambos juraram um ao outro mutua e eterna afeição, recusava assim tão obstinadamente realizar os antigos e ingenhos projectos de casamento? Amava outro. Quem? Seu pae, o velho Décaux, não se dava senão com os pobres camponeses; ella não fallava senão com os creados ou com os moços da herdade. Occultar-se-hia entre estes o vencedor? Só um podia inspirar sympathia á rapariga: João, o jardineiro-chefe. Estê rapaz era dotado na verdade de excellentes qualidades e o patrão estimava-o bastante, tratando-o quasi como filho.

Occupados, com estes pensamentos, chegaram perto de casa e Carlota, largando o braço do seu companheiro, correu a abraçar o pae que estava no limiar da porta.

Só esperavam pelos dois jovens para jantar.

Tinham-se reunido alli alguns amigos no intento de festejar a chegada de Carlos, que viera com tenção de descansar no campo uma

apenas um pouco baixo (lado physico).

Nos seus tempos de Coimbra, o terror das tricanas, e na sua terra muito attendido, sempre considerado e, não sei mesmo se adorado como um Christol

Porque elle tentava e prestava-se ás adorações femininas.

Um felizardo, mas felizardo sério, sabem?

Como empregado publico, o que se diz—um empregado sabedor, recto e exemplarissimo; como bacharel, muitos bachareis conheço eu que o invejam, se bem que elle não faz uso da advocacia, mas petisca a valer da coisa; como politico, um politico sério, arrojado, e, o que muito e mais o pôde recomendar, de um bello caracter (com vista aos *politicos* da terra); e como homem de um fino trato, ás vezes bondoso de mais, muito attentioso; nos seus contractos sempre a lisura e a honra.

Tão modesto que aborrece. «Não valho um zero, uma cifra» — diz elle; quando elle vale muito.

Um «bolas», politico de todas as côres, muito e tristemente conhecido, chama-lhe *pequeno* physicamente fallando, é claro.

Porém, ao *pequeno*, para correr o *grande*, basta-lhe só a palma da dextra.

### Uma carta importante

Um dos mais valiosos correligionarios do partido regenerador do nosso districto enviou á redacção do jornal *Districto de Aveiro* uma carta de summa importancia e de alta verdade que, com a devida vénia, transcrevemos:

«Amigo Souza Maia.—Vi as considerações que fizeste sobre o pedido de demissão do barão de Cadoro, de governador civil substituto do districto d'Aveiro.

Foi realmente nobre o seu procedimento, e digno.

Lamentas tu o modo porque o districto está sendo tratado pelos poderes publicos, de 1881 para cá, e com razão, pois desde aquella época, em que começaram os *accordos*, os governos regeneradores só têm favorecido os progressistas, e escoraçado todos os regeneradores, atraindo-os, e pagando com a mais negra ingratidão os seus serviços e a sua lealdade.

Mas de quem é a culpa?

A culpa é, nem mais nem menos, de todos os anti-progressistas regeneradores, cons-

ou duas semanas. Entre elles estava o jardineiro-chefe, embaraçadissimo deante do primo, que considerava talvez como um rival perigoso.

Carlota, porém, mostrou-se para com elle de uma gentileza e de uma familiaridade devéras singulares, o que confirmou as suspeitas do amante desprezado.

O pobre Carlos ainda mais contristado ficou e, movido por um subito despeito, annunciou a sua intenção de voltar immediatamente a Paris.

Isto provocou exclamações.

—O que?... Tendo chegado hontem e prometido demorar-se, pelo menos uma semana, já está aborrecido?

—Não, tio; não, tia... Não estou aborrecido. Desejo demorar-me aqui o tempo que disse, mas sou escravo dos negocios. Lembrei-me que tenho a todo o custo de ir fallar a um engenheiro que sae de Paris hoje ou amanhã. Apenas consiga o que pretendo, volto.

—Palavra?

tituintes, etc., que não curvam a cerviz aos processos progressistas de immoralidade, vingança e perseguição.

Estarás bem certo de quantas vezes te disse, e aos amigos, que era necessariamente indispensavel a organização de um centro politico composto de todos os elementos anti-progressistas ali na séde do districto, com ramificações em todos os concelhos d'elle, e quanto por por isso pugnei logo apoz a morte do saudoso amigo Agostinho Pinheiro. Nada fizeram.

Quando Mendes Leite foi, pela ultima vez, nomeado governador civil, e quando já se iam sentindo os primeiros efeitos dos *accordos*, de novo, e mais insistentemente fiz vêr a necessidade d'um centro ali com ramificações em todo o districto, ao Mendes Leite, Aralla e outros amigos. Mas nada fizeram.

Em 1886 retirei-me á vida particular, em vista do caminho que a politica do districto havia tomado nos annos anteriores e mórmente no anno de 1885, em que recebi dos meus correligionarios ingratições imperdoaveis e que offenderam o meu melindre muito e muito.

E bastou a minha retirada para que logo na eleição do conselho de districto, o partido regenerador fosse supplantado.

Em 1890, em Lisboa, insisti n'isto, e apresentei aos 13 deputados do districto o meu plano para levantar o partido regenerador da decadencia a que os *accordos* o tinham reduzido — plano infallivel, honesto e nobre.

Foi perflhado pelos deputados por Oliveira d'Azemeis e Aveiro; ao outro mereceu a costumada descompostura. Portanto, fálhou mais esta tentativa.

Portanto, não é dos governos que devemos queixar-nos: é de nós mesmos,—da nossa incuria, das nossas mesquinhas rivalidades, das nossas ambições pessoais e baixos sentimentos, despeitos e invejas.

Pois se nos unissemos todos, constituindo ahi um centro, que se ramificasse em todo o districto, e como que fosse um collector das conveniencias politicas de todo elle, para as transmitir aos deputados regeneradores do districto, e de que estes seriam os sollicitadores perante os governos, já não passaríamos pelas desconsiderações porque estamos passando,—pois os progressistas de tal modo cantam victorias e blasonam ba-

—Palavra... Deixo cá a minha mala.

Era uma garantia do seu breve regresso. O tio Décaux, um tanto desconfiado, acompanhou-o na sua carriola até á estação proxima e disse-lhe á despedida estas palavras:

—Até amanhã á noite!

Carlos só foi buscar a mala seis mezes depois.

### II

Entretanto casára com a menina Rigand.

Este casamento creou-lhe uma situação excepcional; o sogro, estimando ter ensejo de retirar-se dos negocios, entregou-lhe a direcção da fabrica, que era importante e de grande movimento.

O trabalho e uma esposa formosa ajudaram Carlos a esquecer-se de Carlota, pela qual apenas conservava uma amizade fraternal a toda a prova.

Foi elle o proprio a instar com ella para que casasse tambem. A priminha resistiu, a principio, allegando ser muito nova; finalmente,

o fias, que, em Lisboa, até os ministros regeneradores, crêem que o districto de Aveiro é um feudo progressista!!

Portanto, não admira que o governo, n'esta convicção, nos desconsidere. E' completamente logico o seu procedimento ante a nossa inercia, a nossa imbecillidade, o nosso mutismo.

Préga, pois, tu, a esses cegos, a vêr se os acordas da somnolencia e lhes abres os olhos. Se o conseguires serás mais feliz, e concorrerás para que os povos d'esta malfadada circumscripção sigam melhor caminho.

Alguns do districto d'Aveiro, 17 de setembro de 1894.

Teu velho amigo,

V.»

Eis em poucas palavras expostas um punhado de verdades amargas que, com a franqueza e desassombro, com que são escriptas, nobilitam cada vez mais a pessoa que as traçou, porque teve a coragem de pôr em pratos limpos a bambuchata politica, que os novos governantes tem preparado n'este districto, fazendo d'elle um manequim eleitoral e pondo-o em almoeda aos mais ridiculos caprichos dos nossos adversarios.

Os novos processos implantados ha tempos e mórmente de 1890 a esta parte, tendo por base os *accordos* sempre immoraes, tem produzido, como era inevitavel, o atrophamento das forças vitas do partido regenerador e o esphacelamento da unidade que, durante o dominio do saudoso e eminente Fontes Pereira de Mello, era o lemma e a divisa d'aquelle partido.

A immoralidade hasteou-se como bandeira do progresso; e tem dia a dia campeado infrene em todo o paiz e mui principalmente n'este desgraçado districto, para onde os *novos politicos* se não dignam, ha muito, dirigir a sua attenção, a não ser para fazer aos seus denodados sectarios continuas desconsiderações e para reforçar o baluarte dos nossos adversarios!

Custa a crêr que n'um paiz civilisado tal succeda, mas *infelizmente* e, com magua o dizemos, a verdade é esta!!

A culpa, porém, não tem sido só dos governantes; os governados, ou antes aquelles, que militam por fidelidade á bandeira do seu partido, desde tempos antigos, ao lado dos governos da regeneração, já por ambições mal pensadas, já

celego ás exhortações dos paes e concedeu a mão ao João, ao jardineiro-chefe.

O dia do casamento foi de verdadeira festa para toda a gente d'aquelles sitios.

O tio Décaux mandou preparar uma mesa immensa na rua principal do jardim, onde se sentaram metade dos habitantes d'aquelles contornos. Um exercito de creados servia os commensaes.

Consumiu-se uma quantidade enorme de iguarias e despejou-se uma pipa inteira de vinho. Cantigas, bailes, brindes sem fim.

N'aquella mesma noite, antes de acabar o pantagruelico festim, os esposos partiram para a Borgonha, paiz natal de João.

A viagem de nupcias, porém, não foi feliz; as commoções, a fadiga, a briza nocturna durante um longo trajecto, indispozeram Carlota, que chegou com bastante febre a casa dos parentes do marido.

Este, satisfeito por tel-a na sua companhia, não deram grande importancia áquella indisposição, sup-

por inepcia, consequencia da descrença que os invadiu, e já ainda por attentões mal cabidas para com os governos, muito tem concorrido para o estado da politica no districto.

Não ha concelho algum, em que a marcha governativa do actual ministro do reino não tenha produzido os seus maleficos resultados, reduzindo o partido regenerador d'esses concelhos á desgraçadissima situação de não poder lutar com o seu governo quando lhes é facil lutar na opposição!

E assim vae o actual ministro do reino preparando a derrocada completa do partido regenerador, se é que já a não conseguiu, com o fito unicamente de, com desmedida ambição, preparar partido seu!!

Se, porém, os concelhos do districto respondessem ás imposições do ministro do reino com a força e com a hombridade com que Ovar lhe respondeu nas ultimas eleições; se os homens mais eminentes do partido regenerador, convictos da necessidade de pôr péas a *accordos* indignos, que se forjam no ministerio do reino sem ao menos se dirigir consulta aos concelhos, se colligassem e fizessem unir fileiras aos seus partidarios para se imporem áquella marcha governativa; se fizessem sentir ao governo com uma lucta que, sendo digna e honrada fosse ao mesmo tempo forte e energica, que o districto de Aveiro é portanto os seus concelhos não são feudo progressista, como fez um punhado de antigos e aferrados regeneradores do nosso concelho, certamente que se teria posto; ha muito, um dique a esta degradingolade politico-progressista, sustentada pelos *accordos* pactuados entre os novos governantes e os homens do progresso! E' tempo ainda!

No districto ha muitos e dedicados elementos regeneradores *pur sangue*, d'aquelles que se lembram bem dos tempos aureos da regeneração; soldados firmes e verdadeiros sectarios da velha guarda. Urge que se unam e que se concentrem para mostrar as suas forças ao governo e para lhe fazerem sentir que não se brinca impunemente com um districto inteiro. Ha ainda no alto quem condemne tal systema de governação. Regenerador *enragé*, e collega do grande estadista Fontes, o conselheiro Julio de Vilhena tem sabido mostrar e fazer sentir pelos seus actos que

pondo que desapareceria com algum descanso.

Infelizmente, Carlota piorou e um medico chamado para vê-la aconselhou os ares patrios.

João reconduziu sua mulher ao Berri.

Ella queixava-se de dôres no peito e tossia frequentemente. Como, porém, conservava o seu habitual bom humor, a sua doença não inspirou muito cuidado. Com tratamento a tempo devia restabelecer-se dentro em pouco.

Os cuidados não lhe faltaram, nem por parte do marido, nem por parte dos parentes.

No entanto, o estado da enferma aggravou-se. A pobre Carlota teve que recolher-se ao leito. Começou a definhir, parecendo esvair-se-lhe a vida a cada novo ataque de tosse.

Foi avisado o primo Carlos, que veio com sua mulher passar algum tempo em companhia do tio, isto a pretexto de descansar.

Carlos mandou chamar medicos de Paris.

(Conclue).

a marcha governativa do gabinete, ou melhor do ministro do reino, não é a mais regular sob o ponto de vista politico.

E' indispensavel, pois, que, abertas como se acham as camaras, todos os verdadeiros regeneradores do districto de Aveiro se colloquem ao lado do eminente estadista, testemunhando-lhe por esta fôrma o seu agradecimento pela attitude que se afirma ter resolvido tomar no que respeita á politica d'este districto!

Abraçamos pela nossa parte do melhor grado a idéa d'uma grande reunião dos elementos regeneradores na capital do districto, mórmente n'esta occasião, em que o governo tem de dar ás camaras conta dos seus actos, afim de constituir um centro de acção e resistencia, d'onde emane força para os concelhos. E' necessario fazer sentir aos governos que acima das suas caprichosas concordatas com os nossos adversarios, no que respeita á politica d'este districto, estão as convicções arreigadas e a vontade firme dos seus correligionarios. Podem e devem os regeneradores do districto imporem-se aos governos, porque possuem elementos de sobra para restaurar o partido, alquebrado pelo abuso d'esses governos; para tal fim torna-se inadmiavel a reorganisação do partido. Trate a imprensa regeneradora dos concelhos de pugnar por esta idéa; procurem os principaes influentes reunir-se na cabeça do districto, onde por meio da discussão lancem as bases da constituição de um centro genuinamente regenerador com ramificações nos concelhos; promovam a união, de que resulta a força, entre os seus correligionarios, e verão se ha ministro, qualquer que seja, que tenha o desplante de, unicamente para sustentar ignobes accordos, nomear no proprio dia da eleição administrador do concelho um presidente da camara, chefe do partido progressista, como succedeu em Ovar. E quando tal facto succedesse, quando o desvairamento e a immoralidade attingisse tal ponto, então mostrar-se-hia a esse ministro que é sempre perigoso impôr processos tediosos aos seus correligionarios.

Somos regeneradores convictos e militamos sempre, sem desviarmos um passo sequer, ao lado dos nossos amigos, e nem contra elles nunca luctaremos; mas é imperiosa necessidade dizermos toda a verdade, mesmo porque não estamos acostumados a receber, como paga dos sacrificios desinteressados, a que nos subeitam, ingratições indesculpaveis.

**NOTICIARIO**

**Notas rapidas**

O nosso querido amigo José Gomes fez o seu ultimo exame na semana passada na escola do exercito, d'onde é alumno, conclaindo o curso de infantaria, arma a que se destinou.

Abraçamos sinceramente o Gomes, e desejamos que a sua visita n'esta villa seja longa.

A seus extremos paes enviamos os nossos cordeas parabens.

O sobrinho do rev. sr. Manoel Andrade, de S. Vicente, nosso amigo Andrade, terminou os preparatorios dos lycæus, e partiu já até Coimbra a matricular-se no 1.º anno de direito.

Um sincero abraço como parabem, e oxalá o intelligente e applicado estudante seja feliz nos estudos superiores que vai cursar.

—Regressou do Furadouro, o nosso amigo e correligionario Manoel de Oliveira Ramos Junior, muito digno e activo regedor substituto, d'esta freguezia.

—Acha-se completamente restabelecido o nosso sympathico amigo Antonio de Souza Campos, honrado negociante.

—Fez exame de portuguez no Lyceu de Aveiro, e ficou plenamente approvedo o menino Adolpho, filho do nosso amigo e valente correligionario Dr. José Duarte Pereira do Amaral.

Partiu para o Furadouro, o nosso amigo Abel Pinho e familia.

—Ao nosso amigo Antonio Lopes Palavra, enviamos o nosso pesame, pela morte da Felicia...

—Encontra-se ha dias no Furadouro, onde foi procurar allivio aos seus antigos padecimentos, o director do nosso jornal Manoel Gomes Dias. Desejamos que as sazas ondas o restabelecem de todo.

—Tem passado incommodado o nosso sympathico amigo José Gomes.

—Partiu para a capital o nosso presadissimo amigo, Francisco Lopes Pinto. Seja muito feliz, e que nos visite brevemente.

—Chegou do Furadouro o sr. dr. Annibal Va-concellos, administrador d'este concelho.

—Retirou para Vagos, o nosso velho amigo J. sé da Silva Carrelhas, acompanhado de sua familia.

**Francisco Ferreira da Silva**

Na sexta-feira, pelas 8 horas, teve lugar na igreja matriz a missa que a redacção da *Folha d'Ovar* mandou rezar, sufragando a alma do sempre querido Francisco Ferreira.

Foi celebrante o rev.º padre Marques, assistindo ao acto os srs. drs. Sobreira, Lopes, Amaral, Descalço e os srs. João Coelho, João Alves, José Ramos, Nunes Lopes, Dias Simões, Abel Pinho, Isaac Silveira, Francisco Barboza, Manoel Gomes Pinto, Manoel Barboza, Ernesto de Lima, Francisco Marques, Antonio Augusto, Freire de Liz e outros, que não podemos reter na memoria.

Todos os assistentes durante a missa pegaram em tochas.

No côro, a phylarmonia *Ovarense* durante a cerimonia executou algumas marchas fnebres.

Organizou-se depois o cortejo que seguiu para o cemiterio depôr a corça que a redacção d'este jornal offereceu ao querido extinto, que era levada pelo secretario Francisco Costa, seguido pela phylarmonia que durante o trajecto executou marchas fnebres.

No cemiterio a concorrência era numerosa.

Ao depôr no sarcophago a modestissima homenagem do nosso jornal, o nosso bom e distincto amigo dr. Sobreira leu um pequeno mas pungentissimo discurso em nome d'um grupo de amigos e admiradores do extinto.

Não podemos reter toda a oração do nosso amigo, e porisso só podemos dar aos nossos leitores uns pequenos periodos que retemos na memoria:

«Eis uma flôr desfolhada em pleno viço pela implacavel e intemerata acção da morte.

Morreu!!! Não, não morre quem tão bem soube viver! porque se a morte é o aniquilamento da materia, se paralisa os movimentos e destróe a acção do ser, não consegue todavia apagar a memoria, a lembrança, a saudade do ente que tanto amamos. Essas... ficam eterna e indelevelmente gravadas com linguas de fogo no coração da familia e dos amigos.

Se não tinha titulos nobiliarchicos a ornar a personalidade, tinha a pujança do seu talento e o seu

trabalho, sciente e intelligente a nobilitar o perante a sociedade, onde elle procurava quotidianamente e com toda a sua modestia, que lhe era peculiar, alcançar um lugar que tivesse por garantia a sua inconcussa honradez. Estes dotes tão excepçionaes que só por si attingem o que são, não morrem!...

Não nos arrasta aqui a vaidade! as preces singelas que fizemos subir ao throno do altissimo e modestissima corça que vimos depôr no teu sarcophago, são apenas o testemunho sincero da nossa amizade...

E agora que partiste... agora que já não tens a atormentar-te a alma as crudelissimas dôres phisicas, e não menos cruéis padecimentos moraes... volve da mansão, onde quer que te encontres, um olhar de compaixão para nós os teus amigos, que repassados de saudades te vimos dar o ultimo adeus»

Assim terminou o nosso amigo a sua triste oração.

Dorme pois tranquillamente o somno dos justos embalado pelas mil saudades dos teus amigos, e pelas lagrimas puras da tua extrema familia, que nós tristes ao traçarmos estas linhas sentimos as lagrimas escaldar-nos as faces, e a dôr, a verdadeira dôr moral—retalhar-nos o coração.

Adeus amigo, e que as saudades que todos os teus amigos sentiram e as lagrimas que os seus olhos derramaram, sejam ao menos um lenitivo á dôr que avassala teu pai e irmãos.

**Agradecimento**

A redacção da *Folha d'Ovar*, agradece penhoradissima a todos os seus amigos que assistiram á missa que mandou celebrar na igreja matriz no dia 5 do corrente, sufragando a alma de Francisco Ferreira da Silva.

Ovar, 8 de outubro de 1894.  
Pela redacção da *Folha d'Ovar*  
O secretario  
*Francisco Costa*

**Chronica do Tribunal**

Estava marcado o dia 9 do corrente para julgamento de dois rapazes de Avanca, accusados de em agosto d'este anno terem insultado o sr. Guilherme Thomaz, chefe da estação do caminho de ferro e revisor do comboio.

Os réus porém não compareceram, ficando por isso adiado o julgamento. E mais nada houve.

**Trovoada**

Na segunda-feira, pelas 5 horas da tarde, pairou sobre esta villa uma medonha trovoada, que durou algumas horas, acompanhada de fortes bategas d'agua.

Não nos consta, felizmente, que produzisse grandes estragos.

**Partida**

Acompanhado de sua familia segue para Lisboa o nosso bom amigo Manoel José de Pinho.

Ao nosso amigo desejamos-lhe uma feliz viagem e que lá na *Lisbia* amada a fortuna o bafeje, e que volte depressa a esta villa, onde encontra em cada pessoa um amigo.

E não nos agradeça o nosso Manoel José as palavras acima, porque são a pura verdade do que sentimos, e não só nós como todos os que de perto têm convivido com o modesto Pinho. Saude e até á volta.

**CHRONICA**

**SOL ENTRE NUYENS**

Afinal, tudo anda com o tempo. Semelhante ao sol entre nuvens,

assim o meu coração, a perola dos corações humanos, ou se envolve nos mantos de uma tristeza vaga, inexplicavel, ou sente uma alegria branda, pouco duradoura.

De modo que está o sol entre nuvens, o meu coração alegre e triste e eu entre as dez e as onze, isto é, sem saber se hei-de escrever, e, se escrever, de quê, ou sobre que hei-de escrever.

Fallar da entrada em scena do novo e impertinente hospede, sr. inverno, todo ancho, todo de negras côres, é caso para retalhar a golpes fundos a minha alma mais christã e mais sensivel d'entre todas as almas humanas; descrever a ceifa dos milheirões e serviços de vindimas que pertencem á quasi passada estação outomnal, não é para mim fazel-o,—para mim que não tenho estylo floreado, proprio; emfim, o céu me ajudará, «o céu, como disse Lamartine, mansão de todas as perfeições ideaes, para onde o homem desterra os seus mais bellos sonhos...»

Eu escrevo muito, e não escrevo nada.

Escrevo para agradar e nunca agrado.

Triste condição a de um homem, possuidor de um coração de pomba e de uma alma de rôla!...

E depois, mereço justissimas satyras do publico, do publico intrasigente, sem sombra de contemplação, que pede, que exige uma chronica *comme il faut* (em francez para variar), visto a bonita epigraphe «Sol entre nuvens».

Ai, ai...; com o coração entre nuvens de tristeza, e o pensamento em ti—ô pallida feiteiceira!—esqueço o meu dever, arremesso a penna, encerro-me no quarto, e choro, choro muito até que o sol, de momento a momento escondido, venha aquecer me a alma e o coração arrefecido como o gêlo...

Afinal, tudo anda com o tempo.

\* \* \*

Estou a transmittir com rapidez para aqui o que me vem acudindo á imaginação caçada, sósinho, na solidão da minha vivenda, á luz mortuaria—para longe vá o agouro!—de uma véla; lá fóra fortissimas rajadas de vento sul, a noite escura, tão escura como a tua alma ô pallida feiteiceira!

Meditar faz mal. E quem, como eu, vive solitario, longe do convívio dos homens de saber, pensa muito, e algumas vezes pensa tanto que passo a tólo.

(Que n'esta terra ha mais tólos que avisados, louvado Deus!

Eu penso, e penso muito, porém, não tanto que passe á loucura. E é porque eu não penso em ideaes impossiveis: em conquistas de uma mulher formosa como as rosas brancas de abril: em alcançar nome e gloria por qualquer feito raro: em captar as sympathias de um povo ignorante O meu ideal foi, e será — o dinheiro! Eu encaro a vida pelo lado da realidade e do positivismo.

Mas...—ainda agora penso!—V. Ex.ª são curiosas em ouvir um filho de Deus e deus da bondade que vem pôr ao sol o seu fraco. Ainda se o sol estivesse entre nuvens!...

Emfim, mal ou bem, com ou sem geito, transmitti com rapidez para aqui o que á imaginação caçada me acudiu, sósinho, na solidão da minha vivenda, á luz mortuaria de uma véla; lá fóra fortissimas rajadas de vento sul, a noite escura, tão escura como a tua alma—ô pallida feiteiceira!

Jayme.

**Chronica do Furadouro**

**Meus caros:**

A' beira-mar, por encosto a dureza de uma barraca, pernas estendidas, chapéu derrubado porque o sol é ardente, ao lado esquerdo a

bengallinha de praia—um grosseiro pau de marmello, encastado a ouro, e á minha direita o meu amigo e collega na tarefa d'esta chronica, o guapo e bello Amadeu Alegria, contemp'ando o mar, e admirando o poder do infinito,—a lapis e á pressa vou traçando estes rabiscos que traduzem a minha tristeza e tedio constantes, como tristes, monotonos são os suspiros das vagas, e os gemidos do vento sul...

Que Deus me livre e me perdôe, mas a vida n'esta praia equívale ao desterro temporario em inhospitos desertos.

O Furadouro actualmente, está mesmo ao pintar da faneca para os poetas, namorados e melancholicos; para mim não, tanto mais porque não faço já versos, nem á minha amada; não amo, e nada tenho de melancholico. *Que a melancholia dos homens, quando fementida, só revella illusão e maneiras de illudir.*

(Phrase bombastica, pensamento d'ouro, só da competencia e do alcance dos Hugos, Lamartines, Herculanos e outros.)

\* \* \*

Eu deixei-me arremessar para esta insipida costa, muito contente, persuadido de viver vida regada, alegre, em completo socego de corpo e de espirito; porém, enganei-me, e d'ahi, o meu aborrecimento, o meu desespero.

Estúpida vida. Porque a tranquillidade corporal e espiritual não só me satisfazem. O meu genio é expansivo, chega até a ser irrequieto em demazia; por isso que não se quaduna com esta solidão, esta tristeza prolongada. Mesmo porque triste e solitaria vive a minha alma com a falta do teu affecto...—ô pallida feiteiceira!

E depois, uma nota discordante que me veio ferir o coração: o meu querido Alegria abandonou-me...

«Não posso escrever»—disse.

Realmente, tinha razão.

O olhar meigo, terno, doce, de uma baubista gentil e formozza fascinou-o, e elle, em um estado de imaginação ardente, só pôde desculpar-se, segredando-me:—«Creio em Deus, e no amor das mulheres!»

Pateta! tão pateta que ousou d'aquella innocencia. E' verdade que eu sceptico de tudo, do amor do sexo fragil, não deixo de não acreditar no teu amor...—ô pallida feiteiceira!

\* \* \*

Houve hontem de tarde concerto no café Cerveira, por tres rapazes do Porto que tem percorrido as principaes costas do paiz. Agrada-ram muito. Concorrencia pequena. Os mesmos *tunos* vão tocar hoje á assembleia, a esse salão catita, vaso elegante e fino das floritas cantidas e bellas da praia em setembro passado.

Vão abrir as suas janellas, franquear-lhes o ar, sacudir o pó dos reposteiros, allumial-o, já que elle tem permanecido em trevas, e... ás moscas.

—O mar tem estado bastante ruim Para todos, mórmente para a classe piscatoria, uma verdadeira calamidade.

—Uma comissão de baubistas, e á sua frente o sr. commendador Pereira Dias, projecta um festejo no proximo domingo. Musica das 4 ás 12 horas da noite em frente ao Hotel, illuminação e foguetes. Um esplendido réclame para a costa se povoar n'esse dia. Mas vejo o desanimo traduzido manifestamente na comissão. Creio, por isso, que nada irá ávante. Simplesmente para sentir.

Acabou-se o papel.

Aonde não ha, el-rei perde. Meus caros, até á outra.

9—10—94.

Jayme.

## ANNUNCIOS

## AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados vem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer penhoradissimos a todas as pessoas que os cumprimentaram pelo fallecimento de seu filho, irmão e primo, Francisco de Assys Ferreira da Silva, protestando a todos a sua inolvidavel gratidão.

Ovar, 9 de outubro de 1894.

Joaquim Ferreira da Silva.  
Antonio Arthur Ferreira da Silva.  
Joaquim Augusto Ferreira da Silva.  
Francisco Ribeiro da Costa.

## AGRADECIMENTO

Joaquim Ferreira da Silva, Antonio Arthur Ferreira da Silva e Joaquim Augusto Ferreira da Silva, agradecem aos cavalheiros que no dia 5 do corrente, mandaram rezar uma missa suffragando a alma de seu filho e irmão, Francisco d'Assys Ferreira da Silva.

Ovar, 9 de outubro de 1894.

## Venda de propriedades

Vende-se uma terra lavradia chamada o «Amial», sita em Guilhovai, proximo á cortinha de Manoel Farraia.

Para tratar:

Manoel José de Pinho, de Lisboa, ou José Marques da Silva e Costa, do largo de S. Miguel, d'esta villa d'Ovar.

## Leccionação

O major Alfredo Campos lecciona o curso do 1.º anno dos Lyceus:

Portuguez..... 1\$200  
Francéz..... 1\$200  
Desenho..... 1\$200  
As tres disciplinas.... 3\$000

Tambem se promptifica a ir a casa dos alumnos por preço convencional.

Seixal—OVAR

## BICYCLETA

Vende-se uma de borra-chas massiças, usada.

A. Ferreira, R. Figueiras, 88.—Ovar.

## Imprensa Civilisação

Rua de Passos Manoel, 211 a 219  
PORTO

N'esta officina, imprime-se bilhetes de visita a 150, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

## BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviem-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

## VENDA DE UMA CASA

Vende-se uma morada de casas altas, com quintal e poço, sita na rua dos Lavradores, d'esta villa.

Quem pretender, dirija-se aos snrs. José Maria Carvalho dos Santos, da rua de Santo Antonio, e Abel de Pinho, da rua dos Ferradores, tambem d'esta villa.

EDITORES—BELEM & C."

Rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa

## OS FILHOS DA MILLIONARIA

POR

ÉMILE RICHEBOURG

o melhor romance francez da actualidade

A aparição d'esta obra, cuja traducção vamos editar, produziu verdadeira sensação no mundo litterario, e foi saudada com enthusiasmo por todos os que procuram na leitura as sensações fortes e vicelentas, que nem sempre lhes proporcionam os factos da vida real. E' debaixo d'este ponto de vista o romance de que tratamos satisfaz de certo os mais exigentes, porque as suas peripecias, urdidias, com uma habilidade pouco commum, e com um cunho de muito notavel originalidade, mantem constantemente e em subido grau o interesse do leitor, o qual sente de momento a momento o ardente desejo, pode mesmo dizer se, a impaciencia de conhecer o seguimento do entrecho, que tanto e interessa, e que tão profundamente o impressiona.

Brinde a todos os assignantes

Vista geral do monumento da Batalha

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzido depois em chromo a 14 côres, cópia fiel d'este magestoso monumento historico, que é incontestavelmente um dos mais perfeitos que a Europa possui, e verdadeiramente admiravel debaixo do ponto de vista architectonico. A estampa tem as dimensões de 72 por 60 centímetros, e é a mais completa e detalhada que até hoje tem apparecido.

## CONCURSO

DO

Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica

UMA MEMORIA A PREMIO

Os esforços do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica* em bem servir a santa causa da lavoura nacional, tem sido amplamente compensados não só pela constante e valiosa collaboração dos seus amigos, que formam o numero e distincto corpo de redacção, mas tambem pelo enthu-siastico acolhimento que lhe foi feito em todo o paiz, e o que é mais, nas ilhas e possessões ultramarinas.

Isto que é muito, que nos penhora e que nos orgulha, collocamos porém no sagrado dever de não nos contentarmos com os louros adquiridos, obrigando-nos, reconhecidos, a trabalhar mais e mais em tornar o nosso jornal cada vez de maior interesse para os

seus leitores que tão devotadamente o protegem.

Para este fim resolvemos iniciar uma série de concursos onde serão admittidas memorias inéditas sobre os assumptos que mais pôdem utilisar á nossa agricultura. A' mais valiosa d'estas memorias será conferido um premio, por jury competentissimo na especialidade, premio que, se não representará uma recompensa valiosa do trabalho feito, será contudo um galardão de honra, uma enobrecedora distincção, a mais valiosa e digna de todas as condecorações.

O *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, dando-lhe em seguida larga publicidade nas suas columnas, tornará conhecido de todos quantos no paiz e no estrangeiro se interessam de alma e coração pelos progressos do nosso maior e mais valioso ramo de industria, a rural, o glorioso nome do vencedor.

Como as questões vitícolas são as que ao presente mais nos interessam, e como infelizmente não ha entre nós um estudo completo sobre as castas das videiras cultivadas no paiz, falta deversas sensível, resolvemos que a primeira memoria posta a premio versará sobre tão valioso thema.

O jury que tem de avaliar os trabalhos apresentados a este primeiro concurso, é composto dos ex.<sup>mas</sup> srs.:

Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite, notabilissimo viticultor de larga erudição, e um dos primeiros, senão o primeiro introductor de videiras americanas em Portugal.

José Taveira de Carvalho, o sabio director dos trabalhos ampelographicos, tão notavel agricultor como escriptor distincto.

Visconde de Villarinho de S. Romão, o illustre auctor dos *Flagellos da Videira*, do *Portugal Agricola* e de muitos outros bons trabalhos de propaganda em defeza da lavoura nacional.

Não podiamos, pois, apresentar cavalheiros mais competentes e de mais segura garantia para uma justa e imparcial adjudicação do premio que consistirá na quantia de

CEM MIL RÉIS

O concurso para o qual chamamos a attenção de todos os nossos leitores, será regulado por o seguinte

Programma

1.º Por espaço de quatro mezes a começar em 1 de julho e terminar em 31 de outubro, está aberto um concurso publico, para uma memoria inédita, escripta em lingua portugueza, sobre o seguinte thema: *As castas de videira cultivadas em Portugal sob o ponto de vista na qualidade, producção, adaptação e resistencia ds diversas epiphytias.*

2.º As memorias tem de ser entregues na redacção do *Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica*, até ao dia 31 de outubro de 1894, inclusivè, acompanhadas de um envelope fechado incluindo o nome do auctor e tendo externamente uma divisa igual á inserida no involucro da memoria.

§ unico. Só o envelope correspondente á divisa do trabalho premiado, é que será aberto affirm de ser conhecido o nome do auctor. Os outros serão entregues intactos, juntamente com as respectivas memorias, em troca do recibo de recepção.

3.º O jornal publicará a memoria premiada, cuja propriedade lhe fica além d'isso, pertencendo para todos os effectos.

4.º Ao auctor da memoria classificada em primeiro logar pelo jury será immediatamente adjudicado o premio.

## Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

R. de Passos Manoel, 211 a 219

(Quasi em frente da R. de Santo Ildefonso)

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mapps, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 150 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

## TEM A VENDA:

RELAÇÕES que os proprietario dos hotels são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscripções, bem como das obrigações de 4 e meio p. o., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encommendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

## CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvado por decreto da mesma data, contendo as tabellas das industrias; taxas de imposto segundo a ordem da terra; prazos das reclamações; fundamento d'ellas, etc., etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabricas, commerciaes, artes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis; pelo correio, 2:0.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 220 réis em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

## CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.<sup>a</sup>

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

IMPRESA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219